

SOFRENDO IMPACTO DA SEPARAÇÃO DO FILHO: O RETORNO DA ALUNA ÀS ATIVIDADES ESCOLARES APÓS O PARTO¹

SUFFERING THE IMPACT OF THE SEPARATION FROM THE NEWLY BORN CHILD:
THE RETURN TO THE SCHOOL ACTIVITIES AFTER THE DELIVERY
SUFRIENDO EL IMPACTO DE LA SEPARACIÓN DEL HIJO:
EL RETORNO DE LA ALUMNA A LAS ACTIVIDADES ESCOLARES DESPUÉS DEL PARTO

Amélia Fumiko Kimura*
Maria Alice Tsunechiro**
Margareth Angelo***

RESUMO: A proposta deste estudo foi compreender a experiência da mãe-aluna ao separar-se do filho quando retoma suas atividades acadêmicas, após o parto. Este trabalho é parte dos resultados da pesquisa que investigou a experiência de universitárias que vivenciam a maternidade. Utilizou-se o Interacionismo Simbólico e a Teoria Fundamentada nos Dados como referencial teórico-metodológico, tendo participado 16 alunas de enfermagem de uma universidade pública da cidade de São Paulo. Este trabalho descreve a categoria – SOFRENDO IMPACTO DA SEPARAÇÃO DO FILHO – constituída pelas subcategorias: “vivenciando conflitos no papel de mãe” e “deparando-se com dificuldades para continuar amamentando”. Segundo o estudo, a forma de vincular-se com o filho e o sentido de ser mãe precisam ser ressignificados pela universitária ao optar por não abrir mão de seu projeto acadêmico-profissional, sob o risco de perpetuar sentimentos ambíguos e contraditórios em seu papel de mãe.

PALAVRAS CHAVE: Relações mãe-filho; Relações profissional-família; Estudantes de enfermagem.

INTRODUÇÃO

No curso da vida da mulher, o nascimento de um filho provoca mudanças repentinas, intensas e irreversíveis que podem ser evidenciadas não só no aspecto biológico, mas também, relacionadas à auto-imagem, ao papel social, ao ritmo e rotina familiar entre outras, para as quais a mulher necessita desenvolver mecanismos de adaptação (GÓES; PAIVA, 1984).

Tais adaptações ocorrem influenciadas pelos valores e crenças da cultura, na qual a mulher encontra-se inserida. A sociedade ocidental contemporânea atravessa uma crise de indefinição nos papéis sociais, nas esferas pública e privada, relacionadas aos atributos masculino e feminino, cobrando atitudes, comportamentos, sentimentos dos que se tornam pais jovens, muitas vezes contraditórios e ambivalentes, sem lhes dar, em contrapartida, uma base estrutural ou um modelo seguro de acolhimento (BERTHOUD; BERGAMI, 1997).

Na ocasião do nascimento do filho, quando a mulher assume atividades relacionadas às funções dentro do contexto familiar, no espaço privado, e, por qualquer motivo, precise deslocar-se deste espaço para assumir outras atividades fora do âmbito domiciliar como, por exemplo, exercer atividade profissional ou escolar, necessita

¹ Extraído da Tese de Doutorado “Enfrentando desafios e transformações para vir a ser mãe e profissional”, Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo, 1999.

* Enfermeira obstétrica. Doutora em Enfermagem. Professor Doutor da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo, atuando nas áreas de enfermagem obstétrica e neonatal.

** Enfermeira obstétrica. Doutora em Enfermagem. Professor Doutor da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo, atuando nas áreas de enfermagem na saúde da mulher e enfermagem obstétrica.

*** Enfermeira. Livre-docente. Professor Associado da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo, Coordenadora do Grupo de Estudos em Enfermagem da Família (GEENF).

redimensionar seus papéis a fim de cumprir de forma satisfatória as tarefas sob sua responsabilidade. Motivada pela necessidade de obter recursos financeiros para subsistência da família ou para atingir a realização profissional almejada para si, muitas mulheres retomam suas atividades profissionais e projetos acadêmicos após o nascimento do filho. Esta decisão nem sempre lhes é isenta de conflitos, pois demanda abrir mão de atividades relacionadas a seu papel de mãe, dona-de-casa, esposa, necessitando rearranjar os vários papéis, provocando ansiedade, estresse e modificação na forma de se relacionar com seus membros familiares e outras pessoas de seu convívio cotidiano.

Diversos estudos tendo como foco o retorno da mulher ao trabalho, após o nascimento do filho vêm sendo realizados procurando evidenciar os fatores que interferem ou sofrem interferências provocados por esta situação (Pitzer; Hock, 1989; Tulman; Fawcett, 1990; Baptista, 1995; Youngblut, 1995; Killien, 1998 entre outros). Verificou-se durante o levantamento bibliográfico que, embora houvesse vários trabalhos nesta abordagem, não há estudos que focalizem a experiência de retorno às atividades escolares; ou estudos que respondam à questão: como vivenciam as mulheres mães-alunas o pós-parto frente a sua formação escolar? Assim, com o propósito de compreender como a aluna vivencia a experiência da maternidade ocorrida durante sua trajetória acadêmica, realizamos um estudo de 1996 a 1999 (KIMURA, 1999). Os resultados revelaram que o processo vivido pela aluna que experiencia a maternidade tem início antes mesmo de descobrir-se grávida, sendo experienciado, conforme vai se dando a evolução da gravidez e a chegada do filho, coexistindo com sua condição de aluna de um curso de graduação em enfermagem. O estudo revelou também que um dos grandes desafios a serem enfrentados pela mãe-aluna acontece, quando retorna às atividades acadêmicas, após o nascimento do filho, precisando abrir mão de seu cuidado no período em que se dedica às atividades disciplinares na faculdade ou instituições onde desenvolve atividades curriculares. Para o presente artigo, propomo-nos a apresentar a experiência vivida pela mãe-aluna quando se separa do filho para retornar às atividades acadêmicas no período pós-parto.

REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO

Para a condução deste estudo, utilizamos como referencial teórico o Interacionismo Simbólico, seguindo os pressupostos descritos por MEAD (1953), BLUMER (1969) e CHARON (1989). Segundo BLUMER (1969), o Interacionismo Simbólico valoriza o sentido que "as coisas" têm para o comportamento humano. Tal sentido emerge do processo de interação entre as pessoas e envolve uma interpretação que ocorre em duas etapas: na primeira, o indivíduo indica para si "as coisas" que têm sentido, ou seja, há um processo de interação consigo mesmo; na segunda etapa, o indivíduo seleciona, reavalia e classifica, transformando os sentidos à luz da situação, do momento, e dá direção a sua ação. Não há uma aplicação sistemática de significados previamente estabelecidos, mas um processo de construção. A perspectiva interacionista concebe que o indivíduo manipula seu mundo, construindo a ação. O ser humano age e responde às ações dos outros, de acordo com sua interpretação do significado dessas ações. O significado dos objetos surge no processo de interação entre as pessoas. Significados são produtos sociais, portanto, podem ser constantemente redefinidos e reinterpretados no processo de interação social.

Para o procedimento metodológico, adotamos a Teoria Fundamentada nos Dados (Grounded Theory) que consiste em um processo sistemático de coleta e análise de dados qualitativos, com o objetivo de gerar teoria que explique e possibilite a compreensão de fenômenos sociais e culturais (CHENITZ; SWANSON, 1986). O método envolve várias etapas não lineares do processo de pesquisa desenvolvida ao mesmo tempo, sendo caracterizado pelo fato da coleta de dados ocorrer concomitante à análise por meio de comparação constante (GLASER; STRAUSS, 1967; STERN, 1980; STERN, 1985).

O PROCEDIMENTO METODOLÓGICO

Participaram deste estudo alunas matriculadas em um curso de graduação em enfermagem de uma universidade pública, situada na cidade de São Paulo que viveram a experiência da maternidade durante sua trajetória acadêmica universitária. O curso de graduação oferecido por essa instituição ocorre em período integral, manhã e tarde, com duração regular de quatro anos e a grade curricular é composta por disciplinas obrigatórias e optativas, parte delas com conteúdo teórico e outras teórico-práticas, exigindo a participação das

alunas em atividades de ensino-aprendizagem vivenciais, programadas para ocorrerem em contextos institucionais de saúde como unidades de internação hospitalar, ambulatórios, centros de saúde, creches, entre outras. Neste sentido, o curso exige dedicação em período diurno integral. Na instituição, as disciplinas são oferecidas uma vez por ano e a matrícula ocorre semestralmente. Assim, nos casos de reprovação, a aluna só poderá cumpri-la novamente no ano seguinte.

O período de coleta e análise concomitante dos dados estendeu-se de Agosto de 1996 a Dezembro de 1998. Os dados foram obtidos por meio de observação focalizada nas situações de interação em que a aluna esteve envolvida e de entrevistas, não estruturadas, e em profundidade (TAYLOR; BOGDAN, 1984). Antes de iniciar a coleta de dados, as alunas foram informadas do propósito do estudo, da forma como seriam registrados os dados, do uso que se faria deles, sendo garantido que suas identidades seriam preservadas. Todas concordaram em participar e consentiram que se registrasse a entrevista em fita cassete para posterior transcrição e análise das informações.

Seguindo os pressupostos do método adotado, quais sejam, a amostragem teórica e a saturação de categorias, participaram do estudo 16 alunas, distribuídas em cinco grupos amostrais. A formação dos referidos grupos foi sendo orientada pelos conceitos e categorias que iam emergindo durante a análise dos dados e concluída, quando da descoberta dos fenômenos e da categoria central. Para algumas alunas, a participação ocorreu quando se encontravam grávidas e para outras quando já eram mães. O intervalo pós-parto variou de três semanas e três anos aproximadamente.

A análise dos dados sucedeu-se seguindo as seguintes etapas: codificação, categorização, codificação teórica e codificação seletiva, etapa final, em que se explicita a categoria central (GLASER; STRAUSS, 1967; GLASER, 1978, 1992).

Desta forma, ao se proceder a codificação teórica, identificou-se três fenômenos na experiência de maternidade vivida pela aluna: "Tornando-se grávida-aluna"; "Preparando-se para vir a ser mãe-aluna" e "Tornando-se mãe-aluna". Estes fenômenos ocorrem de forma seqüencial, cada um deles constituído por diversas categorias e subcategorias, compondo um processo que se dá ao longo do tempo. Ao se realinharem esses fenômenos, levando em consideração as categorias que os compõem, foi possível desvelar que a vivência da maternidade, enquanto aluna do curso de graduação em enfermagem é percebida como ENFRENTANDO DESAFIOS E TRANSFORMAÇÕES PARA VIR A SER MÃE E PROFISSIONAL sendo esta a categoria central revelada pelo estudo (KIMURA, 1999).

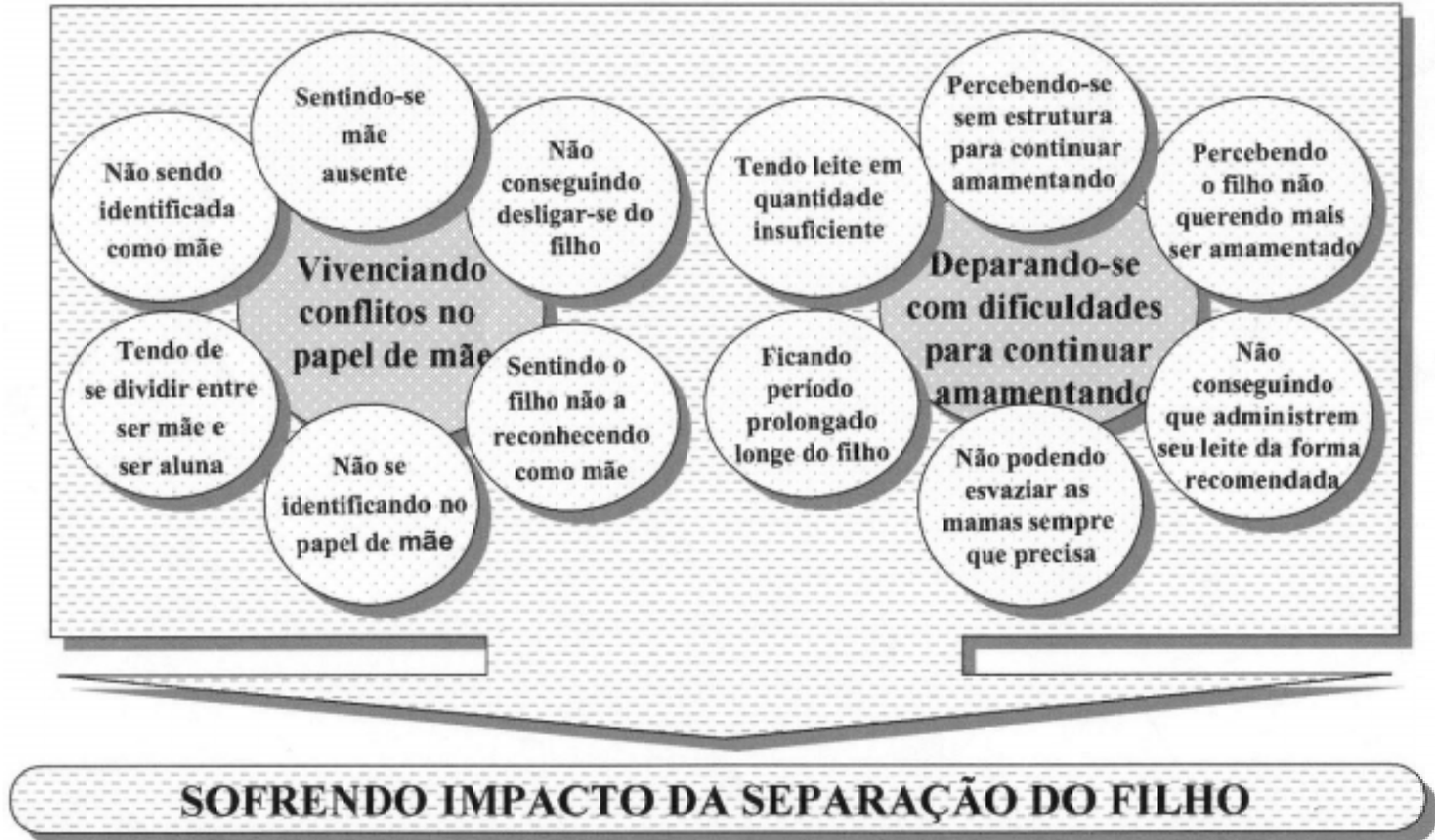
Dentro da proposta elaborada na introdução deste artigo, optamos por apresentar a categoria SOFRENDENDO IMPACTO DA SEPARAÇÃO DO FILHO, relacionada à percepção vivida pela mãe-aluna ao retomar suas atividades acadêmicas após o nascimento do filho, para isso, tendo de separar-se do filho, deixando-o sob os cuidados de outra pessoa. Esta categoria dentre outras que compõem o fenômeno "Tornando-se mãe-aluna" representa mais um desafio enfrentado pela mãe-aluna para atingir o objetivo de tornar-se também uma profissional enfermeira dentro do projeto de vida que traçou para si. A escolha, por apresentar esta categoria, se dá pelo fato de ela explicitar a difícil e desafiante coexistência de papéis desempenhados pela aluna que se torna mãe, tendo de consolidar o tornar-se mãe e profissional.

A EXPERIÊNCIA DE RETORNAR ÀS ATIVIDADES ACADÊMICAS VIVIDA PELA MÃE-ALUNA, APÓS O NASCIMENTO DO FILHO

A análise dos dados obtidos possibilitou identificar que a mãe-aluna ao retomar seus compromissos escolares, após o nascimento de seu primeiro filho percebe-se SOFRENDENDO IMPACTO DA SEPARAÇÃO DO FILHO. A categoria retrata a experiência da mãe-aluna de se ver tendo de afastar-se do filho para prosseguir seu curso. Ela precisa transferir o papel de cuidadora do filho para outra pessoa que assume a tarefa de suprir as necessidades da criança, por um período parcial do dia ou integralmente, dependendo da situação acadêmica da aluna, da opção por cursar ou não todas as disciplinas regulares que compreendem a grade curricular. A categoria é constituída pelas subcategorias: Vivenciando conflitos no papel de mãe e Preparando-se com dificuldades para continuar amamentando (Diagrama).

DIAGRAMA

CATEGORIA - SOFRENDO IMPACTO DA SEPARAÇÃO DO FILHO: SUBCATEGORIAS E COMPONENTES



VIVENCIANDO CONFLITOS NO PAPEL DE MÃE

Desde o nascimento de seu filho, a mãe-aluna não se viu tendo de separar-se do filho. Ao decidir por retomar a atividade acadêmica, precisa manter-se longe do filho; às vezes, quase durante o dia todo. O curso exige dedicação em período integral da aluna, a não ser que opte por matricular-se em algumas disciplinas, dedicando-se em tempo parcial, prorrogando assim o tempo de permanência para concluí-lo. O período de retorno às atividades acadêmicas das alunas variou de duas semanas a sete meses de pós-parto. Independente do tempo, a separação física do filho é percebida com impacto. Reassumir as atividades acadêmicas, após o nascimento do filho, é uma experiência permeada de conflitos relacionados ao papel materno. Durante o período em que permanecia junto ao filho em seu domicílio, após o parto, dedicava-se quase que integralmente ao cuidado dele. Essa condição permitia ter controle total do que estava acontecendo com ele, acompanhar seu desenvolvimento e ter a oportunidade de construir um relacionamento afetivo com ele e também seu papel de mãe perante a criança e as pessoas de seu convívio. No momento que retoma as atividades acadêmicas, é preciso deixá-lo aos cuidados de outra pessoa, tendo de transferir o papel de cuidadora do filho que, até então, era prerrogativa sua, como mãe, para a pessoa que vai se responsabilizar pela criança. Vivenciando conflitos no papel de mãe mostra a experiência da mãe-aluna, quando deixa de exercer as atividades de cuidar e suprir as necessidades do filho, pelo menos, parcialmente (Quadro 1). A subcategoria Vivenciando conflitos no papel de mãe pode ser compreendida pelos componentes descritos a seguir.

Tendo de se dividir entre ser mãe e ser aluna

Mostra como a aluna percebe-se, quando retorna às atividades acadêmicas. Em seu entendimento, separar-se do filho, é provocar uma quebra no vínculo mãe-filho estabelecido, é separar-se abruptamente, perdendo repentinamente o sentido de ser mãe que se misturava até então com o filho. Ao assumir as atividades acadêmicas, é preciso separar-se do filho, ou seja, deixar de realizar muitas ações que fazia pelo filho e para ele que a identificavam como mãe. Agora precisa romper com o papel de mãe que a caracterizava e isto se torna muito difícil. A mãe-aluna reluta em separar-se do filho, e o faz com sofrimento.

"... eu faltei muito, muitas vezes, porque eu olhava pra ela assim, e eu não vou! E foi complicado porque, às vezes, que eu vinha, eu acabava chorando aqui na faculdade, porque pra mim foi complicado separar, no início foi difícil acostumar..."

"... quando eu vim pra faculdade, eu senti assim, eu ficava muito preocupada, não porque eu achava que não ia ser cuidada, mas, porque eu queria estar lá... eu sentia muita falta dela..."

Não conseguindo desligar-se do filho

Mostra que a mãe-aluna encontra-se na faculdade assumindo as atividades acadêmicas, ficando também com o pensamento voltado para o filho. Permanece cumprindo atividades escolares, lembrando-se dele, notadamente se continua a amamentar, quando percebe seu peito cheio de leite. Precisa manter controle do que está acontecendo com o filho em casa, não para avaliar a forma como está sendo cuidado, mas para sentir-se zelando pelo filho. Na medida do possível, procura telefonar para saber como ele está passando.

"... os horários de mamar o peito vaza, né? E você fica preocupada, você fica ligando pra saber como é que está, se já mamou, se já dormiu, é uma coisa um pouco difícil..."

"... ficava pensando assim, vou ligar pra saber com quem está, daí eu liguei pra saber como que ele está, e aí como é que foi? Ele tá bonzinho?..."

"... eu não tinha telefone, mas se eu tivesse, eu ligava!..."

Sentindo-se mãe ausente

Mostra como a aluna percebe-se ao separar-se do filho e deixá-lo aos cuidados de outra pessoa. Preocupa-se com os sentimentos do filho, acreditando que ele sente sua ausência. O período é permeado de sentimentos de culpa por separar-se do filho para assumir as atividades acadêmicas. É sentir-se culpada por optar pela faculdade e deixar o filho aos cuidados de outra pessoa, privando-o de sua presença. Essa percepção é validada pela aluna nas interações que estabelece com o filho, colegas da faculdade e pessoas da família. Assim, qualquer alteração ou mudança no padrão comportamental do filho é interpretada pela aluna como decorrente de seu afastamento. Os comentários emitidos pelas pessoas que lhe são significativas, relativos a sua opção de assumir as atividades acadêmicas, validam sua percepção de ser uma mãe ausente.

"... ela começou a ter cólica e algumas pessoas aqui da faculdade falavam assim pra mim: Ah mas, sabe o que é? Ela tá sentindo sua falta, isso é um jeito, uma resposta que ela tá dando pra você do que ela tá sentindo, de que você não está lá! E isso acentuava tanto minha culpa..."

"... eu sentia muita falta dela, e eu ficava preocupada se ela estava sentindo a minha falta, né?..."

Sentindo o filho não a reconhecer como mãe

Permanecer períodos longos afastada do filho, deixando-o aos cuidados de outras pessoas, faz com que ele acabe por desenvolver afeto e preferência por sua cuidadora. Sentindo o filho não a reconhecer como mãe é perceber que ele não a distingue, permanece indiferente a seu ato de cuidar, respondendo com manifestações de afeto à pessoa que cuida, mas não a si, quando estabelece interação com ele. Nessa situação, a mãe-aluna avalia o comportamento do filho, a forma como interage consigo e com a pessoa que permanece cuidando dele durante o período em que se ausenta para assumir as atividades acadêmicas, e percebe que o filho não a reconhece como mãe.

"... é como se a criança tivesse mais carinho por ela (sogra) do que comigo e, realmente, aconteceu isso. Ele tá com dez meses agora e prefere ficar com ela do que comigo, isso me incomoda!... É difícil pra mim trabalhar com isso, de estar na escola e deixar o meu filho com ela, de saber que agora ele prefere um pouquinho mais, ela do que eu..."

Não sendo identificada como mãe

A mãe-aluna em seu dia-a-dia percebe-se não sendo identificada como mãe. Afastar-se do filho para poder dedicar-se aos estudos causa estranheza nas pessoas que convivem com a aluna e que passam a não legitimá-la como mãe, já que não está responsabilizando-se por todos os cuidados do filho ao permanecer longe dele por períodos prolongados.

"... as pessoas chegaram a me falar assim: olha, a mãe da F. é sua mãe! Porque você tá na faculdade, você não cuida dela, você não é mãe dela! Então eu já ouvia ..."

"... a minha mãe fala que eu sou mãe de fim-de-semana mas, é verdade! Convivo com ela 24 horas mesmo, no sábado e domingo..."

Não se identificando no papel de mãe

É não se reconhecer no papel materno, tendo consciência de que não assume todas as atividades consideradas inerentes ao papel materno como cuidar, permanecer ao lado do filho, identificar e suprir suas necessidades, deliberar e tomar condutas e fazer com que as pessoas sigam o que determinou para ele. Não poder permanecer cuidando diretamente do filho, é abrir espaço à pessoa que se responsabiliza pelo cuidado do filho, assumir este papel, tendo melhores condições de suprir suas necessidades do que ela, a mãe biológica.

Constatar que o filho não aceita vir em seu colo, que a estranha, quando se aproxima dele, é uma experiência difícil à mãe-aluna e determinante para perceber “não se identificando no papel de mãe”. O comportamento de rejeição da criança é interpretado pela mãe-aluna como não conseguindo sequer ser aceita pelo filho, muito embora, a criança não seja capaz ainda de distinguir quem é sua mãe. A mãe-aluna atribui um significado ao desempenho que tem em relação ao papel materno, baseado no tipo de relacionamento que mantém com a criança, no comportamento da criança, quando interage consigo e com a pessoa que permanece com ela durante o período em que se ausenta de casa. “Não se identificando no papel de mãe”, pressupõe que a aluna tenha um modelo idealizado de papel materno, no qual não se vê atuando, segundo o mesmo.

“... você se questiona assim, puxa, acho que eu não sou mesmo... já ouvi que você talvez não seja mãe, né? Porque tem outra pessoa cuidando, foi para a casa da mãe para cuidar...”

“... às vezes, eu não tô me sentindo mãe; mãe, não estou me sentindo assim... Não sei como definiria mãe agora, mas eu tô um pouco confusa com essa relação de não estar o tempo todo com ele...”

QUADRO 1: CATEGORIA – SOFREDO IMPACTO DA SEPARAÇÃO DO FILHO.
SUBCATEGORIA – VIVENCIANDO CONFLITOS NO PAPEL DE MÃE
(COMPONENTES E CÓDIGOS).

SOFRENDO IMPACTO DA SEPARAÇÃO DO FILHO
Vivenciando conflitos no papel de mãe
Tendo de se dividir entre ser mãe e ser aluna
Estando na faculdade e querendo estar com a filha
Sentindo falta da filha na faculdade
Sentindo falta de alguma coisa
Sentindo-se mãe ausente
Preocupando se a filha estava sentindo sua falta
Ouvindo as pessoas falarem que a filha está sentindo sua falta
Sentindo o olhar das pessoas falarem como é que pode estar na faculdade
Sentindo o olhar das pessoas falarem que é mãe desnaturada
Não conseguindo desligar-se do filho
Ficando com a cabeça lá (no filho)
Estando na aula e tendo outra preocupação
Ficando preocupada com o filho
Ligando pra saber do filho
Querendo ligar se tivesse telefone
Sentindo o filho não a reconhecer como mãe
Percebendo o filho ter mais carinho pela sogra
Filho preferindo mais a sogra
Não sendo identificada como mãe
Pessoas falando que não é mãe da F.
Pessoas falando você não cuida, você não é mãe
Mãe lhe falando que é mãe de fim-de-semana
Não se identificando no papel de mãe
Questionando-se se é mãe
Achando que não é mãe
Não se sentindo mãe
Ficando confusa se é mãe

DEPARANDO-SE COM DIFICULDADES PARA CONTINUAR AMAMENTANDO

Separar-se do filho para retomar os compromissos acadêmicos implica em ter de modificar a forma de relacionar-se com ele, no jeito de cuidar e prover as necessidades da criança. Quando a mãe-aluna amamenta o filho, necessita adaptar-se à forma de alimentá-lo, pois não mais poderá estar com ele o tempo

todo. Se quiser que continue sendo alimentado com seu leite, precisa retirar e deixar para que a pessoa que vai se responsabilizar por ele durante o período em que se mantém afastada, ofereça seu leite. Mesmo que a aluna se programe e planeje antecipadamente para continuar amamentando o filho, quando assume as atividades acadêmicas, depara-se com dificuldades para continuar amamentando por fatores que não havia levado em conta, mas que vão se apresentando durante o período em que vive a experiência de ser mãe-aluna, mais precisamente quando volta às atividades acadêmicas (Quadro 2). A subcategoria Deplorando-se com dificuldades para continuar amamentando pode ser melhor compreendida pelos componentes descritos a seguir.

Não podendo esvaziar as mamas sempre que precisa

Ao estar na faculdade, a mãe-aluna nota que, de tempo em tempo, sua mama ingurgita, o leite começa a vaziar e percebe não poder esvaziar as mamas, quando precisa. Estar na escola a impede de amamentar e esvaziar as mamas livremente, quando nota que a mama está cheia de leite, tendo de aguardar um momento propício para retirar o leite. Isso acarreta desconforto à mãe-aluna que sente dor e percebe o leite começar a drenar espontaneamente, ficando com a roupa molhada e vendo seu leite ser desperdiçado, sabendo que o filho precisa dele.

"... acentua muito porque você está amamentando; então parece que é físico, aquilo fica te lembrando. Então ingurgita a mama; aí, às vezes, vaza o leite... Uma situação super-desconfortável ... É desconfortável você estar aqui na faculdade e, aí, às vezes, mancha sua blusa..."

Não conseguindo que administrem seu leite da forma recomendada

A mãe-aluna deixa recomendações à pessoa que cuida do filho para oferecer o leite de forma alternativa, para evitar que ele se acostume com o bico da mamadeira, mas percebe que nem sempre as pessoas seguem ou aceitam dar o leite da forma recomendada.

"... tem um problema muito grave que eu achei, que eu senti. A minha sogra não queria dar na colherinha, como tudo que eu tinha aprendido, que a criança ia deixar o peito se não desse, tudo aquilo eu não tinha como obrigar ela, porque ela que cuidava..."

"... eu não tô dando na mamadeira, só na colher, né? Mas ele anda mamando na mamadeira, porque eu vejo um bico esterilizado lá, eu brigo com ele (o marido) e ele fala que não tem paciência, que tem dó do nenê, porque ele faz caretas horríveis, quando vai mamar na colher..."

Tendo leite em quantidade insuficiente

Significa para a aluna que o leite produzido, não atende às necessidades do filho. Essa avaliação é realizada pela constatação do volume de leite retirado e pelo comportamento de choro e agitação do filho, após ser alimentado com seu leite. Tendo leite em quantidade insuficiente, leva a mãe-aluna a reconhecer a incapacidade de continuar amamentando precisando oferecer outro leite para complementar a alimentação do filho.

"... eu tirava o leite e o leite vai diminuindo, porque ele tomava na mamadeira..."

"... nesses primeiros dias, eu tirei e deixei pra ele e dava na mamadeira. Só que daí eu percebi que começou a diminuir e ela começou a dar o outro leite junto com o leite materno..."

Percebendo o filho não querendo mais ser amamentado

Constata que o filho recusa-se a sugar o peito, não aceita ser amamentado, mostra preferência em sugar a mamadeira.

"... era muito difícil amamentar ela, muito difícil, porque ela queria mamadeira, então eu insistia pra que ela pudesse sugar, mas ela chorava ..."

Percebendo-se sem estrutura para continuar amamentando

Para a aluna, significa não conseguir suportar as exigências da amamentação. A responsabilidade e obrigatoriedade de nutrir o filho, exclusivamente, com seu leite, sem o qual ele não tem como sobreviver, deixam a mãe-aluna sentindo-se exigida demais. Para tanto, precisa produzir leite em quantidade suficiente às necessidades do filho o que nem sempre consegue fazê-lo por estar impossibilitada de amamentar freqüentemente. Nessa condição, percebe-se sem estrutura para continuar amamentando, tendo consciência que seu modo de vida não contribui para favorecer a amamentação. Permanecer longos períodos longe do filho, saber que ele depende de seu leite para sobreviver, preocupar-se em tirar o leite, ter de guardá-lo para poder alimentar o filho, geram ansiedade e pressão na mãe-aluna. "Percebendo-se sem estrutura para continuar amamentando", é reconhecer as próprias limitações para continuar amamentando, exclusivamente, ao peito.

"... eu achava que ... eu não tinha capacidade de tá amamentando, agora era um processo um tanto sentimental, quanto psicológico, quanto fisiológico que eu tava proporcionando, não tava tendo estrutura para proporcionar um aleitamento adequado... "

"... eu não conseguia amamentar porque eu não conseguia tirar. E aí eu comecei a ficar de saco cheio de tirar e levar... Eu fiquei muito estressada porque eu tinha que ir e voltar, ir e voltar, o tempo todo, uma correria! Aí conversei com a pediatra dela e falei, olha, não vai dar! Não tô conseguindo mais amamentar..."

Ficando período prolongado longe do filho

Outra dificuldade apontada pela mãe-aluna para continuar alimentando o filho, exclusivamente, com leite materno é permanecer por um tempo muito grande do dia longe dele, o que a impossibilita de amamentar e estar em contato constante com a criança. Durante o período em que permanece assumindo as atividades acadêmicas, tenta tirar o leite para armazenar e também manter-se estimulada para continuar produzindo leite, mas nem sempre consegue alcançar seus objetivos.

"... porque eu ficava muito tempo na escola e só tirava, né? Eu fazia estimulação, mas na hora de tirar o leite, porque ele mamava pouco em casa..."

"... o período que eu saía de casa, das 6 da manhã às 6 da tarde, era muito tempo!..."

QUADRO 2: CATEGORIA – SOFRENDO IMPACTO DA SEPARAÇÃO DO FILHO.
SUBCATEGORIA – DEPARANDO-SE COM DIFICULDADES PARA
CONTINUAR AMAMENTANDO (COMPONENTES E CÓDIGOS).

SOFRENDO IMPACTO DA SEPARAÇÃO DO FILHO
Deparando-se com dificuldades para continuar amamentando
Não podendo esvaziar as mamas sempre que precisa
Percebendo a mama ingurgitar
Percebendo o leite vazar
Vazando o leite, às vezes
Lembrando do filho quando o leite vazava
Percebendo o leite vazar nos horários de mamar
Não conseguindo que administrem o leite de forma recomendada
Sogra não dando na colherinha
Marido não conseguindo dar na colherinha
Marido dando leite na mamadeira
Tendo leite em quantidade insuficiente
Não produzindo leite suficiente
Vendo o leite ir diminuindo
Não deixando leite suficiente para a filha
Não conseguindo tirar leite
Não sendo suficiente o leite que tira
Não conseguindo tirar leite
Percebendo o filho não querendo mais ser amamentado
Filha não querendo mesmo leite de peito
Filho mamando pouco em casa
Sendo difícil amamentar porque ela queria mamadeira
Filho virando o rosto, não querendo mamar
Filho chorando, não querendo de jeito nenhum
Filho chorando, só de deitar na posição
Percebendo-se sem estrutura para continuar amamentando
Não tendo estrutura para proporcionar um aleitamento
Ficando estressada de ir e voltar
Não tendo capacidade de estar amamentando
Ficando de “saco cheio”
Falando ao médico que não tem condições de continuar amamentando
Ficando período prolongado longe do filho
Ficando muito tempo na faculdade
Saindo de casa e ficando muito tempo fora
Saindo às 6 da manhã e voltando às 6 da tarde

COMENTANDO A RESPEITO DA EXPERIÊNCIA VIVIDA PELA MÃE-ALUNA

Os dados evidenciam que as estudantes vivem situações conflitantes nos papéis materno e de aluna que se constroem e se configuram nas interações sociais. Os conflitos ocorrem em função dos modelos de papéis idealizados, os quais a aluna tenta impor a si, segundo suas expectativas e reiterados pelo grupo social na qual se insere. A categoria SOFRENDO IMPACTO DA SEPARAÇÃO DO FILHO retrata a angústia sofrida pela mãe-aluna por não poder estar permanentemente com o filho, evidenciada pelo fato de encontrar obstáculos para continuar amamentando e não conseguir fazê-lo, conforme seus planos e expectativas. Isso denota um significado simbólico de vinculação com o filho por meio do leite produzido por seu organismo, função única e singular sua que nenhuma outra pessoa que cuida da criança pode reproduzir. Nesse sentido, ver-se não mais podendo ou não conseguindo amamentar, significa esmaecer o vínculo, desfazer um cordão concreto que lhe atava ao filho e que, nesta situação, deixa de existir, pelo menos na forma de ação substancial. O leite materno

é exclusividade sua, uma forma de se fazer presente à sobrevivência do filho e um produto elaborado e extraído de si. Pensamos que essa possa ser a razão da angústia sofrida pela mãe-aluna que fracassa em sua tentativa de continuar amamentando, quando reassume as atividades acadêmicas em período integral. A forma de se vincular com o filho e o sentido de ser mãe precisam ser ressignificados, não podendo estar mais estruturada sobre o ato da amamentação. O desempenho do papel de mãe, nesta situação, necessita ser construído não mais sobre o plano do idealizado ou segundo as expectativas determinadas culturalmente, mas permitir que a mulher faça o papel que deseja ou pode desempenhar, caso contrário, corre o risco de ter de conviver permanentemente sob conflito de sentimentos ambíguos e contraditórios em relação aos vários personagens que compõem a própria identidade.

Com o nascimento do filho, a aluna vê-se “Tornando-se mãe-aluna” e depara-se com o desafio de fazer coexistir os dois personagens, mãe e aluna que buscam vir a ser profissional. Dentro deste contexto, escolhe assumir e superar as frustrações e fracassos que possam advir de seu desempenho no papel de mãe, motivada pela busca de tornar-se profissional que, para ela, significa ampliar suas possibilidades e oportunidades também no seu papel de mãe, tendo expectativa de oferecer uma qualidade de vida melhor ao filho ao consolidar seu projeto acadêmico-profissional. *SOFRENDO IMPACTO DA SEPARAÇÃO DO FILHO* mostra que a aluna, embora vulnerável no papel de mãe, percebe-se *ENFRENTANDO DESAFIOS E TRANSFORMAÇÕES PARA VIR A SER MÃE E PROFISSIONAL* (KIMURA, 1999).

ABSTRACT: The aim of this study was to understand the experience of the mother-student when separating from the newly born child by the time of the return to the school activities. This is part of results of a project that investigated the undergraduate students experience of motherhood. Symbolic interactionism and grounded theory were used as theoretical-methodological framework. Sixteen nursing students of a public university of the city of São Paulo participated in the study. This study describe the category – *SUFFERING THE IMPACT OF THE SEPARATION FROM THE NEWLY BORN CHILD* – which had the subcategories: “living the conflicts of maternal role” and “coping with the difficulties to keep breastfeeding”. To the mother-student the attachment and the meaning of motherhood need to be re-elaborated when the option of not giving up the academic-professional life project is done, running the risk to perpetuate contradictory and ambiguous feelings in her maternal role.

KEY WORDS: Mother-child relations; Professional-family relations; Students nursing

RESUMEN: La proposición de este estudio fué comprender la experiencia de la madre-alumna al separarse de su hijo cuando retoma sus actividades académicas después del parto. Este trabajo es parte de los resultados del proyecto la investigación sobre la experiencia de estudiantes universitarias que vivencian la maternidad. Se utilizó el Intercionismo Simbólico y la Teoría Fundamentada en los Datos como referencial teórico-metodológico. Participaron 16 alumnas de enfermería de una universidad pública de la ciudad de São Paulo. El estudio describe la categoría *SUFRIENDO EL IMPACTO DE LA SEPARACIÓN DEL HIJO*, constituida por las subcategorías “vivenciando conflictos en el rol de madre” y “deparandose con dificultades para seguir amamentando”. Para la madre-alumna la forma de vincularse con su hijo y el sentido de ser madre necesitan ser ressignificados al optar por no dejar su proyecto académico-profesional, bajo el riesgo de perpetuar sentimientos ambíguos y contradictorios en su rol de madre.

PALABRAS CLAVE: Relaciones madre-hijo; Relaciones profesional-familia; Estudiantes de enfermería.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BAPTISTA, S. M. S. Maternidade e profissão: oportunidades de desenvolvimento. São Paulo : Casa do Psicólogo, 1995.
2. BERTHOUD, C. M. E.; BERGAMI, N. B. B. Família em fase de aquisição. In: CEVERNY, C. M. et al. Família e ciclo vital: nossa realidade em pesquisa. São Paulo : Casa do Psicólogo, 1997. cap.3, p.47-73.
3. BLUMER, H. Symbolic interactionism: perspective and method. Berkeley : University of California, 1969.
4. CHARON, J. M. Symbolic interactionism. 3.ed. Englewood Cliffs : Prentice-Hall, 1989.
5. CHENITZ, W. C.; SWANSON, J. M. From practice to grounded theory. Menlo Park : Addison-Wesley, 1986. cap.1, p.3-15.
6. GLASER, B. G. Basics of grounded theory analysis. Mill Valley : Sociology, 1992.
7. GLASER, B. G.; STRAUSS, A. L. The discovery of grounded theory: strategies for qualitative research. New York : Aldine de Gruyter, 1967.
8. GLASER, B. G. Theoretical sensitivity. Mill Valley : Sociology, 1978.
9. GÓES, A. N. R.; PAIVA, M. S. Enfermagem perinatal. In: FONTES, J. A. S. Perinatologia social. São Paulo : Fundo Editorial BYK Prociex, 1984. cap.39, p.380-8.
10. KILLIEN, M. G. Postpartum return to work: mothering stress, anxiety an gratification. Can. J. Nurs. Res., v.30, n.3, p.53-66, 1998.
11. KIMURA, A. F. Enfrentando desafios e transformações para vir a ser mãe e profissional. São Paulo, 1999. 202p. Tese (Doutorado) – Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo.
12. MEAD, G. H. Espiritu, persona y sociedad. Buenos Aires : Paidós, 1953.
13. PITZER, M. S.; HOCK, E. Employed mother's concerns about separation from the first and second-born child. Res. Nurs. & Health, v.12, n.2, p.123-8, 1989.
14. STERN, P. N. Grounded theory methodology: its uses and process. Image: Journal of Nursing Scholarship, v.12, n.1, p.20-3, 1980.
15. STERN, P. N. Using grounded theory method in nursing research. In: LEININGER, M. M. Qualitative research methods in nursing. Orlando : Grune & Straton, 1985. cap.10, p.149-60.
16. TAYLOR, S. J.; BOGDAN, R. Introduction to qualitative research methods: the search for meanings. New York : John Wiley, 1984.
17. TULMAN, L.; FAWCETT, J. Maternal employment following childbirth. Res. Nurs. & Health, v.13, n.3, p.181-8, 1990.
18. YOUNGBLUT, J. M. Consistency between maternal employment attitudes and employment status. Res. Nurs. & Health, v.18, n.6, p.501-13, 1995.